

AMARELO MANGA

Seq.01 - Abertura Lígia

(Quarto de Lígia no bar Avenida - int. - manhã - som direto)

Créditos de abertura do programa sobre tela escura. Ouvimos a locução de um rádio e o motor de um carro velho.

Locução do rádio:

Uma locução de algum programa matinal de emissora AM vai acordando a cidade. Ele vai se relacionando de forma bastante provinciana. Esse programa aparece em todas as cenas, numa narrativa contínua, até a última seqüência de abertura.

Crédito dos patrocinadores, produtores...

Olhos de Cão apresenta,

AMARELO MANGA

A tela volta a ficar escura. Uma janela abre e enche de claridade um pequeno quarto. É Lígia quem abre a janela. Apesar de não ser muito bonita, seus cabelos vermelhos e sua pele branca lhe dão um ar exótico e estimulante. Ela tem o cabelo assanhado e os olhos inchados.

O quarto é bem pequeno e a janela é minúscula e alta. Um guarda roupa aos pedaços e uma penteadeira muito velha compõem pobremente o ambiente.

Lígia senta diante do espelho quebrado da penteadeira e se mira. Caminha até um salão cheio de mesas e começa a abrir as portas de seu bar. Mostramos ela arrumando o botequim. Algumas

placas mostram preços e variedades de pratos ali servidos. Começamos a ouvir um off dela.

Off Lígia: As vezes fico imaginando de que forma as coisas acontecem. Primeiro vem um dia, e tudo acontece naquele dia até chegar a noite, que é a melhor parte. Mas logo depois vem o dia outra vez... e vai, vai, vai... é sem parar. A única coisa que não tem mudado nos últimos tempos é o Santa Cruz nunca mais ter ganho nada. Nem título de honra. E eu não ter encontrado alguém que me mereça. Só se ama errado (pausa) Ah! Eu quero é que todo mundo vá tomar no Cu.

Seq.02 - Abertura Isaac

(Carro nas ruas do Recife - ext. - manhã - som direto)

Dentro de seu carro, de um amarelo agressivo, Isaac passeia por ruas desertas da cidade do Recife. Ele é um homem de aproximadamente cinqüenta anos. Os cabelos são avermelhados. O dia está amanhecendo. No rádio continua a mesma narração da seqüência anterior. Ao lado de Isaac está uma mulher. De pele morena, ela está com o rosto deformado por hematomas. Usa um vestido que está sujo de sangue. O seu cabelo, totalmente desarranjado, está colado na testa por alguns coágulos de sangue. Mas a sua expressão é de tranqüilidade. Vagarosamente fuma um cigarro. Os dois mantêm um diálogo que não ouvimos. O carro passa diante de um cego que vende galinhas numa banca na calçada. Neste instante começamos a ouvir um hino religioso. A câmera vai fechando no rosto do cego, que está sorrindo.

Seq.03 - Abertura Kika

(Templo Protestante - int. - manhã - som direto)

Num templo protestante muito pequeno podemos ver Lúcia Cristina, mais conhecida como Kika. Ela é batista de berço. Seus cabelos longos, são presos por um coque desengonçado; saia sem vaidade deixa a mostra pernas quase imberbes e que nunca foram depiladas. Sua camisa estampa a marca da coca-cola, mas está escrito Jesus Cristo. Uma bíblia-bolsa está presa entre suas mãos como um bem de grande valor. Ela está entre outros freqüentadores da igreja. O hino que cantam está chegando ao fim. Começamos a ouvir uma batida muito forte, como um bate estaca, que ainda não sabemos o que é. Um pastor começa a falar:

Pastor: Devemos temer o demônio sempre, e louvar a Jesus. Não devemos dar tempo em nossa mente para que satanás não faça de nosso coração a sua morada. A arma contra o sofrimento é a crença em Nossa Senhor Jesus Cristo, o nosso pai, nosso irmão e a semente da salvação. Aleluia!

Câmera fecha na expressão de Kika, que junto com todos, grita aleluia.

Seq.04- Abertura Wellington

(Sala de um frigorífico - int. - manhã - som direto)

Um homem, de porte atlético e rude, está com um quarto de boi sobre uma mesa de madeira num velho frigorífico. Descobrimos que o som do bate estaca é o homem partindo o boi com um facão e um porrete. Ele está vestido com pesadas roupas e galochas brancas. Um avental de plástico, também branco, cobre sua barriga. A seu lado um companheiro de profissão o acompanha no serviço. A câmara mostra detalhes da carne avermelhada. Um pequeno rádio continua a transmitir notícias sobre o dia. Ele está pendurado na parede (a mesma programação do quarto de Lígia, do carro de Isaac, etc). Wellington fala sobre a vida e sobre sua esposa.

Wellington (com atenção no serviço): Se eu seria capaz de matar um homem? (riso) Entre todas as espécies que habitam o mundo, o homem é o que mais merece morrer. Seria capaz! (pausa) Na verdade já matei um homem. É por isso que me chamam de Wellington Canibal (riso). A única coisa que eu não seria capaz de matar é Kika. (pequena pausa) É crente. Ela não é a mulher mais bonita do mundo. Mas melhor assim. Que deus a conserve! Por deus que acredito mais em Kika que em mim mesmo.

Passamos a ouvir, em BG, a voz de alguém cantarolando a música que toca no rádio misturado a sons de vassoura. Neste instante um homem, também vestindo roupas brancas cruza o quadro empurrando um carro-de-mão cheio de restos de ossos e a cabeça de um boi. A câmara acompanha-o. Ele pára diante de uma espécie de guarita e bate numa janela. Um guarda muito corpulento abre a porta.

Seq.05 - Abertura Dunga

(Recepção do Texas Hotel - int. - manhã - som direto)

Recepção do Texas Hotel. É uma sala ampla e que tem um balcão em um de seus lados. A luz é pouco mortífera, pois ainda é muito cedo, e as suas paredes, pintadas de um amarelo muito apático, dão ao ambiente um certo ar de tristeza.

Dunga, um meio travesti de peitos inchados de silicone, cabelo espetado, penteado de lado, varre o chão enquanto cantarola a música que toca na rádio. Ele usa uma camiseta de algodão apertada, e uma calça justa. Sentada num sofá está Aurora, uma velha prostitua marcada pelo tempo. Ao lado dela uma pequena cesta com alguns vidros de esmalte repousam. Ela está pintando as unhas dos pés. Tem a respiração ofegante.

Dunga continua a limpar o recinto até a entrada de Seu Bianor (o dono do Texas), um velho franzino e mais ou menos bem arrumado. Ele vai até o balcão e fica a procurar algo. Dunga observa-o um tanto quanto curioso.

Aurora começa a guarda seus esmaltes, acetona e algodão dentro da cesta de palha, e se levanta do sofá.

Dunga, que continua a observar Seu Bianor apoiando a vassoura no queixo.

Dunga: Seu Bianor, tá procurando o que?

Aurora começa a se retirar da sala. O diálogo entre Dunga e Seu Bianor, assim como sua consequência, continuam na seqüência posterior.

Seu Bianor: As chaves dos quartos, Dunguinha.

Dunga: E não tá pendurada aí no prego não, Seu Bianor.

Seu Bianor: E num tá? Já procurei essa chave feito o cão.

Dunga volta a varrer o chão.

Dunga: Seu Bianor, Seu Bianor... Tu tá ficando é meio cego já. A chave tá onde sempre tá, e o homem num acha!

Telefone tocando.

Seu Bianor: Texas Hotel! (...) Nem sei, viu? (...) Oh Dunga, Isaac tá dormindo?

Dunga: E aquilo se levanta antes das dez?

Seu Bianor: Pois chame ele que é urgente. É um tal de Rabecão.

Pára com a vassoura.

Dunga: Vou acordar, mas o senhor sabe como seu Isaac fica. O traste vira fera do mato. Aquela cara de Papa-angu!

Seu Bianor: Diga a ele que o homem disse que era urgente.

Seq.06 – O Despertar da Besta

(Praia deserta/Quarto de Isaac - int. - manhã - som direto)

Isaac está encostado em seu carro amarelo numa praia semideserta. A mulher cheia de hematomas da seqüência 1/a está na frente dele. Ela dança e fala algumas coisas que não ouvimos. O noticiário da rádio continua em BG. Atrás dela um homem tenta andar de bicicleta na areia fofa da praia e não consegue, caindo a cada tentativa. A boca dele está amordaçada. Começamos a ouvir batidas na porta. Corte para Isaac em seu quarto.

Isaac está deitado em sua cama. Ele dorme um sono agitado. Seu pijama de listas está molhado de suor. Todo o quarto está vedado. A única luz acesa é a de um pequeno abajur sobre um pobre criado mudo. O quarto é bastante desarrumado. Nas paredes algumas fotografias mofadas pela umidade decoram o ambiente. De repente Isaac se levanta, assustado, falando frases desconexas. Pára e fica a olhar fixamente para o infinito. Aos poucos sua expressão vai cedendo e Isaac quase que se assusta. Logo depois sacode a cabeça, enxuga o suor da testa e joga sua mão de lado, pegando uma carteira de cigarros amassada que está sobre o criado mudo, acendendo-o. Fuma de cabeça baixa. Alguém continua a bater na porta. Ele permanece em silêncio. Na batida seguinte responde baixo e rouco:

Isaac: O que é, porra?

As pancadas insistem. Isaac levanta o rosto, já irritado e grita a plenos pulmões.

Isaac (gritando): O que é, porra?

Do lado de fora Dunga, que está com os braços cruzados, cara enfezada, grita de volta:

Dunga (gritando): Tem um telefone urgente pra vossa excelência. Rabecão quer falar com o paxá.

Isaac (com expressão de contentamento): Vai tomar no cu, pô. (pequena pausa) Ele tá esperando? (ninguém responde. Isaac se levanta e vai até a porta rapidamente, e quando abre não encontra ninguém no corredor. Grita.) Ele tá esperando, Dunga? (Isaac sai do quarto muito zangado)

Neste instante Dona Aurora entra no corredor e cruza com Isaac, que esbarra nela. A câmera se aproxima em travelling. Ela pára diante de uma das portas do corredor, mete a mão no bolso e retira uma chave, abrindo a porta.

Seq.07 - Aurora

(Quarto de Aurora - int. - dia - cor - som direto)

O quarto de Aurora é bastante arrumado, apesar de caracteristicamente pobre. Num dos cantos, uma penteadeira é ricamente decorada com vidros de perfume e bibelôs; uma escova cheia de cabelos; um pente com manchas pretas. No canto da penteadeira, um vaporizador. Um banquinho coberto com um velho veludo verde está sob a penteadeira. A cama de casal está desferrada, e a colcha de chenile amarela forma uma grande trouxa. Um guarda-roupa muito pesado torna o quarto quase sufocante. A janela é coberta por uma cortina velha e encardida. Santa Rita de Cássia envolta numa fita em cima de um santuário improvisado faz companhia a uma boa quantidade de santos. Aurora entra ofegante, senta no banco, ligando o vaporizador. De vez em quando retira o aparelho do nariz e resmunga:

Aurora: Ave Maria! Nunca vi! (tosse)

Aurora pára um pouco e fica olhando fixamente para frente. A câmera fecha em seu rosto. Ela comprime os olhos e começa a entrar em êxtase, soltando gemidos.

Seqüência 08 - Levando a carne

(Fachada do Texas Hotel e Recepção - ext./int. - dia - cor - som direto)

Diante do prédio do Texas Hotel Wellington retira de dentro de um carro uma peça de carne para entregar. O carro é uma Brasília velha em cuja traseira se amontoam vários pedaços de carne. A câmera acompanha todo movimento dele até a recepção. O que ouvimos é a conversa de Isaac ao telefone. A fala deste está em off no início, mas depois a câmera pára nele e o açougueiro sai de quadro.

Isaac (no início em off): Tô ouvindo, Rabecão.
(pausa) Sei lá! Vai ver que agora tu não escuta muito bem as coisas. (pausa) Não. (pausa) Também não. (pausa) Como é? Tá pensando o que, Rabecão? Eu vou lá ficar nervoso por causa disso?
(pausa)...

Quando Wellington entra na recepção Seu Bianor, que está no balcão, ao lado de Isaac, dá um sorriso e grita pára Dunga.

Seu Bianor (fala com delicadeza para Wellington, que está parado diante dele): Pode levando lá Pra cozinha, viu Seu Wellington, que o Dunga já tá lá dentro.

Isaac, que está ao telefone, pára a conversa e se dirige para Seu Bianor.

Isaac: Oh Bianor! Que porra! Eu tô aqui no telefone e fica você gritando? Tenha piedade.

Seu Bianor faz um gesto com os ombros. Wellington continua seu caminho e a câmera continua com Isaac.

Isaac: Não. Tava falando com o dono aqui da pensão. Mas veja só: Daqui a uns quarenta minutos a gente se encontra no lugar de sempre, ok?
(pausa) Claro que eu vou levar, doido! (pausa)
Ok! Tudo conformado, organizado e decidido. Bato o martelo. (pausa) Tudo bem. Mas Rabecão, do caralho! Valeu!

Enquanto Isaac fala, Seu Bianor continua a mexer em uns papéis, como se estivesse procurando algo muito importante.

Seqüência 09 – O Coração de Dunga

(Cozinha do Texas Hotel- int. - dia - cor - som direto)

A cozinha é escura, amontoada de coisas mais ou menos organizadas: tentativa de uma ordem frustrada. Wellington entra em quadro e Dunga parece aguardá-lo com muita ansiedade. Ele tem uma expressão abusada, e a boca quase lateral, num esquisito muxoxo.

Dunga (ansioso): Salve Wellington! Chegue mais eu e deixe a carne aqui no balcão.

Wellington (desconfiado): Diz Dunguinha!

Wellington vai até um balcão e deixa o pacote de carne, mas sempre vigiando Dunga com o canto do olho.

Dunga (com falsa preocupação): Que foi, Wellington? Tá me estranhando?

Wellington: Com tu por perto é melhor andar com cuidado. A toda hora tu pode de dar o bote.

Dunga (Com certa irônia): E tu tá com medo de que? Meu filho, quem não deve não teme. (pausa e encara Wellington) Pode tirar as peles da carne. Deixe ela bem tratadinha.

Seqüência de vários detalhes: o fio da faca sendo amolada numa pedra; a pele da carne sendo retirada muito delicadamente; o olhar de Dunga observando Wellington; suor na testa de Wellington.

Dunga Pára atrás de Wellington, apreciando-o com o olhar muito apaixonado. Ele coloca a mão numa pequena bolsa e retira um punhado de pó, que joga sobre o açougueiro.

Wellington (irritado, se virando para Dunga): Ora porra, caralho! Oh Dunga, vai sacudir esta merda na

puta que teve a infelicidade de te parir. (limpando o cangote com uma das mãos e com a outra segurando um facão) Merda! Todo dia essa bicha fica atirando a porra desse pó em mim! Olha aqui Dunga, qualquer dia eu te fodo.

Dunga (com sua expressão de abuso): Tenho certeza. (se dirige ao fogão)

Wellington (relaxando): Tu é fodinha mesmo. (voltando ao serviço)

Dunga: E dona Kika? A quantas horas vai?

Wellington(sem parar o trabalho): Aquela, nas graças de deus, é ajuizada. Crente! Qualquer dia sou eu quem embarco. Quero parar de fumar!

Dunga (com deboche): Aquilo é que é mulher feliz! Come muita carne, né não? (dá um tapinha nas costas de Wellington)

Wellington (sem parar o serviço): Prá cama ela é até fraquinha. É boa mesmo como mulher. (pausa) É crente!

Neste momento Dunga solta uma gargalhada estrondosa, colocando a mão na frente da boca para se controlar, dobrando as pernas, como se assim tivesse maior controle sobre sua risada. Wellington, sem parar o serviço, fica como se não ouvisse a risada de Dunga.

Seqüência 10 - A Fé do Transeunte

(Rua da Cidade - ext. - dia - cor - som direto)

Ainda ouvimos as gargalhadas de Dunga. No meio de uma multidão, Lúcia Cristina caminha determinada: acaba de sair de um culto matinal. Outros companheiros estão agrupados, conversando, mas ela parece ter pressa para chegar em casa.

Numa parada de ônibus Lúcia Cristina espera, conformada, o transporte. A seu lado um homem a observa atentamente. Ela não lhe dá crédito. Ele se aproxima muito discretamente do ouvido dela, e segreda-lhe quase confessional:

Transeunte (sussurrando): O pudor é a forma mais inteligente da perversão.

Ele volta para o seu lugar, e ela continua parada, estática de surpresa. O Ônibus chega, cortando a cena.

Seqüência 11 – O Avenida Esquenta

(Bar Avenida - int. - dia - cor - som direto)

No balcão do bar Avenida Lígia faz umas contas num pequeno caderno de espiral. Ao seu lado um passador de jogo do bicho pergunta o palpite do jogo do dia.

Passador: E então, Dona Lígia?

Lígia (um pouco impaciente): Calma! Tô pensando... Nesta noite eu sonhei com o dia de hoje. Sabe, essa cena eu já vi! Já aconteceu... (pequena pausa e pergunta rápida) Hoje num é 16 de junho?

Passador (convicto): Certeza! Hoje faço anos.

Lígia (com falsa simpatia): Eh! O bicho tá cada vez mais velho! Então tá certo: me joga a data de hoje do primeiro ao quinto e na cabeça. Na milhar e na centena. (pequena pausa reflexiva) E faz invertido também.

Passador: Bom jogo! (pausa) Ontem deu cachorro!

Dois homens entram no bar. Um deles está muito bêbado e recluso. O outro fala quase que sem parar. Estão claramente virados da noite

Indiscreto 01: Vamos expiar nossas culpas aqui. Eu não sou rico, mas tenho culpas. Aqui no Brasil ter senso já é motivo de culpa.

Os dois personagens sentam numa mesa de canto. O primeiro olha em volta com expressão muito séria, analisando o ambiente. O segundo fica passivamente olhando o primeiro.

Lígia que observava os dois personagens todo o tempo segreda para o passador:

Lígia (segredando): Quando as pessoas não sabem direito o quanto suas vidas são um inferno correm para o purgatório! Vai começar o show, e eu também já tinha espiado isto em sonho. Eita vida mais ou menos, viu?

Indiscreto 01(com falso espanto): Oxen! E a coisa linda não vai trazer um negócio pro dejejum não? Veja uma cerveja!

Lígia faz expressão de abuso e se levanta do balcão.

Seqüência 12 - A Recepção

(Recepção do Texas Hotel - int. - dia - cor - som direto)

Na recepção do Texas Hotel está Seu Bianor e sua cara extremamente despreziosa. Seu cotovelo está sobre o encosto da cadeira em que senta e o seu rosto descansa na palma da mão. Na sua frente, sentado no sofá da recepção estão dois homens. Eles são índios e assistem passivamente a um programa na TV. Wellington vem da cozinha acompanhado de Dunga, que para no corredor.

Wellington (para seu Bianor): Até outro dia, Seu Bianor.

Seu Bianor responde com um leve movimento de cabeça. Dunga observa Wellington com certa nostalgia. Assim que Wellington sai pela porta Dunga respira fundo e volta para cozinha, quase esbarrando em Isaac, que está pronto para sair. Ele leva em seu braço um pacote muito bem amarrado.

Isaac: Hoje realmente o dia tá confuso. Mas a felicidade reina. Viva a Dinamarca!

Dunga (sem olhar Isaac): Num vem não, seu Isaac. Num vem não.

Ao passar diante dos índios que estão sentados na televisão, Isaac pára por um instante e faz um sinal negativo com a cabeça.

Isaac: O que mais podemos desejar da vida?

Isaac sai pela porta do Texas Hotel e os dois índios o acompanham com o olhar. Seu Bianor chama Dunga.

Seu Bianor (Gritando): Dunga! (pausa) Oh Dunga?
(pausa)

Dunga (com os olhos cheio de lágrimas): Onde é o incêndio?

Seu Bianor (indiferente): Acho que o padre vai comer com a gente hoje, viu?

Dunga dá de ombros.

Seu Bianor (preocupado): Oxe! Você tá chorando? Hein Dunga?

Dunga: Claro que não, né Seu Bianor. É a cebola. É a porra da cebola.

Dunga dá as costas e desaparece muito rapidamente no corredor que vai até cozinha.

Seu Bianor (surpreso): Cebola! Mas era só o que me faltava.

Seq. 13 - O Templo Vazio

(Igreja - int. - dia - cor - som direto)

Numa pequena capela toda fechada um padre varre o chão. Ele está com um avental, e ao seu lado descansa um balde. Um passo para trás, e o reverendo desloca o balde junto com ele.

O padre desliza um pano úmido pelo genuflexório, retirando a poeira. Os vasos da nave estão vazios e amontoados num canto. Com um rodo, passa pano em todo o chão da sala. Todo esse serviço parece provocar no padre uma espécie de prazer divino, pois ele sempre tem uma expressão de alegria.

A capela é antiga, mas está depenada. Todos os nichos estão vazios, e no altar uma escultura de Jesus Cristo é a única lembrança dos ícones que deveriam enfeitar aquela igreja.

Neste instante começamos a ouvir uma locução em off, que continua na seqüência posterior:

Off (voz messiânica): Ninguém é inocente! Há muito tempo se perdeu a esperança nos homens. O castigo urge e grita aos sete cantos. Os humanistas de beira de púlpitos se apiedam! Pois que se apiedem de suas próprias almas, pois é justamente no orgulho da bondade que reside o maior de todos os pecados. O homem morre, o mundo se extingue e as chamas se consomem, mas a soberba acompanha o vácuo.

Seq. 14 - A Casa da Paz

(Casa de Kika - ext./int. - dia - cor - som direto)

Lúcia Cristina, que agora trás algumas sacolas de pequenas compras, entra numa vila de casas pequenas e frontais. Casas sujas e o calçamento de paralelepípedos desnivelados emprestam ao ambiente uma penosa melancolia. A frente de uma das casas uma velha está sentada e um grupo de crianças estão vendo umas revistas de nus femininos. Soltam ais e suspiros. Gritam para Kika:

Criança 01: Kika Canibal! (risos, e depois falando mais alto) Kika Canibal!

Kika parece aborrecida com o comentário das crianças. Uma velha a cumprimenta, e ela retribui a mesura entregando-lhe um folheto com linda paisagem de amanhecer, onde lê-se: **Jesus, Luz que Brilha**. A velha agradece sem dar muita atenção.

A sua casa é bem modesta e quase extemporânea, quase um erro cronológico do mau gosto. Lúcia Cristina coloca a bíblia sobre a mesa e vai até a cozinha, que é pequena, mas bem arrumada. Ela coloca as sacolas sobre a mesa, abre a porta da geladeira retirando um pacote de carne, que coloca sobre o balcão. Liga o rádio, que está no basculante, em companhia de alguns vidros de tempero, numa FM evangélica. A música é uma espécie de gospel brasileiro. Cristina se abaixa e fica encarando o pedaço de carne fixamente, e começa a ter espasmos. Coloca a mão sobre a boca e sai da cena. O quadro vai fechando na carne. Ouvimos o som de alguém vomitando.

Seq. 15: A Cara de Lígia

(Bar Avenida - int. - dia - cor - som direto)

Algumas pessoas estão sentadas no bar Avenida. A maioria está sozinha. Dentre os presentes estão os dois personagens bêbados, e o falante continua a filosofar enquanto o outro parece possuir apenas uma leve risada no rosto. Lígia traz na mão mais uma garrafa de cerveja e se dirige à mesa dos dois personagens. No meio do caminho é interceptada por um velho boêmio, encostado no balcão, que lhe pede um conhaque. Apesar de pobre se veste com certa elegância e se porta com dignidade.

Boêmio: Lígia, minha manga, me traga um remédio para o seu amigo e uma moela de tira gosto.

Lígia (com certa simpatia): A moela tá dormida. Serve?

Boêmio (sorridente): E como não, flor de meu bairro?

Ao chegar a mesa dos personagens e colocar a cerveja, onde duas garrafas já estão vazias, um dos personagens passa a mão na bunda dela. Lígia pára um pouco, mas segue seu caminho, voltando para o balcão. O boêmio faz uma expressão para ela, que entra para a cozinha do bar. Agora vamos a mesa dos dois personagens.

Indiscreto 01 (sorrindo): E foi aí que ouvi toda a história do argentino. Uns filhos da puta! Um dos tais falava assim: "Creio que seja muito fácil. Primeiro deixamos de ser argentinos e passamos a ser espanhóis". Desde quando brasileiro sabe distinguir espanhol de não-espanhol? E depois de muito nhém-nhém-nhém falaram a frase mor, o tesouro do pensamento brasileiro. A frase humilha antropólogo: "Precisamos comprar um carro! Um carro no Brasil conta mais que um caráter. A maior vergonha de um brasileiro médio é a bicicleta". Eu odeio argentinos, mas considere as

palavras dele. E a conclusão era brilhante: "os habitantes do Brasil nutrem certa admiração pelo engodo. O maior prazer de um brasileiro médio é ser enganado.

Neste instante os dois personagens são surpreendido por um balde de água na cabeça. Lígia está ao seu lado, descontrolada de raiva. Eles se levantam. Um deles cai no chão.

Lígia (com fúria): Vá passar a mão na bunda de tua mãe, seu filho de uma puta. Vá sentar em cima de um caralho, sua bicha escrota. (o boêmio do conhaque, meio risonho, segura Lígia pelos braços. Eles estão em pé ainda atônitos) Tá pensando que minha bunda é a boceta de sua mãe? Vá se foder. Ouviu? Vá se foder!

Seq. 16: Sala de Recepção

(Sala do hotel - int. - dia - cor - som direto)

Na sala de recepção do hotel, algumas pessoas estão sentadas, e cujas idades variam entre os trinta e cinco frustrados e os setenta abandonados. Um desses homens toca um acordeon. Dunga varre o chão e cantarola a música do acordeon, ensaiando, vez ou outra, passos com a vassoura. A televisão está ligada, e parece ser o centro de atenções da sala. O homem da portaria, seu Bianor, proprietário do hotel, entra na sala.

Seu Bianor: Dunga, meu filho, me veja um copo de água e me pegue a lista das verduras, que eu vou na venda.

Dunga (ainda a bailar): Agora mesmo, seu Bianor!
(Dunga começa a sair da sala, mas se detém e se volta para seu Bianor, que olha para a televisão) Olhe, me faça o favor de trazer uma caixa de bilíros. (sai bailando da sala e a câmera acompanha-o. Ele vai até a cozinha e pega um papel que está sobre a mesa. Ao lado do papel está a faca com a qual Wellington havia cortado a carne pela manhã. Numa explosão de desejo, Dunga segura a faca e começa a lambar o cabo, depois beija a faca e a coloca delicadamente na mesa. Sai de cena, e o quadro vai fechando na faca)

Seq. 17: O Presunto

(Casa a Ermo - ext./int. - dia - cor - som direto)

Isaac está em frente a uma casa de madeira no meio de um grande terreno, encostado no capô de seu carro. Ouvimos um intenso barulho de trânsito, mas ainda não conseguimos ver sinais de urbanidade. Neste instante Isaac se levanta do carro ansiosamente enquanto um carro do IML (muito velho) entra em quadro. De dentro dele sai um homem. Ele é extremamente branco, e tem as feições rudes e tem bastante pêlos no corpo. Veste calça jeans e camiseta, e um jaleco branco de tergal. Pulseiras de ouro e prata enfeitam seu braço. Colares enfeitam seu peito, e um anel dourado com uma pedra amarela estrangula seu dedo anular da mão esquerda.

Isaac (bastante excitado): Rabecão, meu filho! Que demora da porra! (pequena pausa, e depois Isaac fala com irritação) E aí, caralho? Cadê o bicho?

Rabecão (com cinismo): Devagar, cidadão. Tá dentro. Eu vou encostar melhor pra gente tirar ele.

Isaac: E o estado? Tá muito avariado?

Rabecão (entrando no carro): A cabeça parece uma peneira mas na barriga ainda vai bala.

Isaac: E tá gelado?

Rabecão (dando uma risadinha): Tá picolé.

Isaac, numa excitação descontrolada se contorce e esfrega as mãos uma contra a outra. Cortamos para dentro da casa. Nada há dentro dela. As paredes são sujas e velhas. O corpo de um jovem está jogado num canto, e está totalmente retorcido. Não enxergamos seu rosto, mas uma crosta escura cobre quase que toda área de seu corpo.

Rabecão (colocando um óculos ray ban): Vou tomar uma cerveja no avenida. Acabando, vá lá. (Isaac quase não

ouve o que diz Rabecão, olhando com fixação para o cadáver) E olha aqui Isaac: Manera que o bicho num tem dono mas... Só tô avisando! (Rabecão se retira)

Rabecão fecha a porta. Isaac fica só com o cadáver, a quem continua encarar fixamente. Quase que num esforço sobre humano, Isaac começa a se movimentar em direção ao defunto. Sua mão treme freneticamente. Com a mão estendida ele se aproxima cada vez mais, e seu rosto vai tomando uma dimensão terrível, até que as pontas de seu dedo tocam a pele rija do defunto, e a expressão de Isaac relaxa, como se houvesse alcançado um êxtase profundo.

Isaac (quase angelical): Gelado. Puta que pariu.

As mãos de Isaac agora seguram firmemente o defunto no braço e depois Isaac lambe a ponta de seus próprios dedos, como que saboreando o sabor do morto. Daí Isaac se levanta e retira de sua cintura uma beretta 22 e aponta para o corpo jogado num canto. Seus olhos estão injetados de prazer. O barulho de seu tiro só ouvimos na próxima seqüência.

Seq. 18: A Amante

(Banca de Bicho - ext. - dia - cor - som direto)

O barulho de um tiro faz Wellington virar rapidamente a cabeça para um lado. Ele está junto a uma mulher numa desses pontos de passar jogo do bicho. Ela é do tipo carnuda, com uma imensa bunda, com a pele morena, e toda enfeitada de brincos e pulseiras. Usa uma calça jeans bastante apertada e uma camiseta que torneia seus imensos peitos. Na boca um batom vermelho sangue. Seu olhar é de provocação, e Wellington quase a babar sobre ela.

Dayse (com abuso): Olha aqui, well: Já enchi o saco. Porra, meu irmão! Vai ter que escolher sim senhor. Eu é que fico com o nome de puta por aí. Eu sou a que não presta; a ruim; a safada... É, meu filho. Ontem meu pai, que não consegue nem andar mais, olhou pra mim, e disse numa só tacada: vagabunda!

Wellington: Dayse, minha filha, veja uma coisa...

Dayse (com autoridade): Minha filha, não. Que é isso, parente! Mas é cada uma. Wellington, o meu pai me chamou de vagabunda, e sabe por quê? Sabe não? Por sua causa.

Wellington (assustado): Você contou para ele?

Dayse (com irritação): contei não, seu frouxo. Mas ele sabe que eu tô de coisa com homem casado. Namorado fantasma é homem casado. Deus me livre ele saiba que é tu o homem. Do jeito que o velho gosta de Kika... Aquela sonsa...

Wellington (reagindo): Sonsa, não! Kika é crente... Kika não é do tipo...

Dayse (imperativa): As crentes são as mais safadas, ouviu.

Wellington segura Dayse pelos ombros e balança ela violentamente.

Wellington (com raiva): Quê? Repete se você tem coragem?

Dayse (com desafio): As crentes são as mais safadas.

Wellington faz um gesto de quem vai bater em Dayse, e ela fica encarando-o de maneira provocante.

Dayse (com desafio): Bate, Wellington. Vai, me bate. Tu não é macho? Então bate.

Wellington larga Dayse e fica encarando ela com uma raiva quase que incontrolável.

Wellington (mantendo o controle): Olha aqui, Dayse. Não me desafia não que tu leva a pior. Eu num vou encher a tua cara de porrada, não. Que tu merece, tu merece. Mas quero te avisar que vontade não falta. Outra coisa é que se teu pai te chamou de vagabunda é porque tu merece. E nunca mais fale assim de Kika, tá ouvindo? Eu te fodo, viu Dayse? Respeite Kika.

Dayse encara com lágrimas nos olhos Wellington, que numa pequena pausa de agressividade dá meia volta e sai andando lentamente. Ela, como se estivesse arrastando toda a humilhação do mundo, deixa grossas lágrimas rolarem. Wellington desaparece numa esquina.

Seq.19: A Obsessão

(Cozinha do hotel - int. - dia - cor - som direto)

Dunga está sentado à mesa cortando legumes e jogando numa panela com água, falando sozinho, e vez ou outra encarando a câmera. Pensamos que ele fala com alguém, que é uma câmera subjetiva, mas depois de uns segundos há um movimento lateral de travelling com correção de Pan, mostrando Dunga quase de perfil, e na verdade ele não olha para nada.

Dunga: Hoje eu vou lá no terreiro! Ah, se num vou. Vai vê. Vou pegar Kanibal é na virada. O trabalho já comecei, e agora só termino quando tiver aquele porra na mão. Fica ele com aquela abilolada da Kika e a sebossa da Dayse. Vou dá é uma rasteira nas duas. Vai chover racha. Meu filho, bicha quer, bicha faz. Eu sossegar? Nem debaixo da areia. Eu sou lá mulher prá num conseguir o que eu quero? Consigo. Deus que me perdoe, mas faço tudo... Eu sou lá de tá de brincadeira? Agora fica aquela lá só no Jesus é amor... a salvação ... o carai de asa. Dayse é só escrotice, rala coxa... viciada em macho casado. Deus que me perdoe, mas dizem que até saboeira já mamou naquele peito. Safada como é, deve de ser verdade. Eu é que não troco um macho como Wellington por uma saboeira. Mas eu vou arranjar as coisas. Ela vai no terreiro hoje. A gente se bate, e eu planto verde prá colher o maduro. Tá brincando? Uma porra! Consigo (bate três vezes na madeira)

Neste instante ouvimos a voz asmática de Aurora:

Aurora: Dunga, meu filho, vai ter almoço logo.

Dunga (com falsa bondade): Já, já dona Aurora. Vá conversar com seu Bianor, vá. Ele tá lá na frente e assim que estiver pronto eu chamo a senhora, viu?

Aurora, que continua a encarar Dunga, fala com certo deboche.

Aurora: Tu tá com cara de quem tá aprontando, Dinguinha. Já vi essa cara antes.

Dunga (sem paciência): Dona Aurora, olhe que hoje não pra muita brincadeira não. Vá se entender com seu Bianor senão não vai ter comida, viu?

A câmera agora enquadra o rosto de Aurora, que está com um vestido fino e surrado, e o cabelo tá mais penteado. Ela passou um pó no rosto, o que acentuou a sua cara de alma. Ela dá um profundo suspiro se volta e sai da porta da cozinha.

Seq. 20: O Nascimento do Amor

(Bar Avenida - int. - dia - cor - som direto)

Rabecão está num bar (o mesmo em que trabalha Lúgia). Ele está sozinho numa mesa tomando uma cerveja. O quadro vai abrindo e podemos ver Lúgia se aproximando da mesa. O bar está cheio de gente almoçando. Ela continua com a cara abusada. Rabecão se volta e lhe solta uma pequena risadinha, que Lúgia não retribui. Coloca sobre a mesa mais uma garrafa de cerveja e se volta, e aí dá de cara com Isaac, que está arfando. Os dois se encaram por alguns instantes. Lúgia vira o rosto e segue seu caminho de volta ao balcão. Isaac acompanha o movimento dela, num encantamento quase que hipnótico, e depois senta na mesa com Rabecão.

Rabecão (irônico): Gostou do material? Amarelo feito manga...

Isaac (espantado): Puta que me pariu, que mulher da porra! (se voltando para Rabecão) Quem é essa, Rabecão?

Rabecão (irônico): A loba do avenida, meu irmão. (se aproximando de Isaac) Essa mulher é muito doida. Parece puta, mas ninguém aqui comeu ela.

Isaac (surpreso): Você tá brincando, né Rabecão?

Rabecão (deixando a ironia): Olhe aqui Isaac, brincadeira tem hora. (pequena pausa e olhar para Isaac) E o presunto? Tá muito estragado?

Isaac (como que encantado): Presunto? (se lembrando) Ah! Tá lá. Não estragou mais do que já estava. Pode ir pegar o bicho.

Rabecão (segredando): E a massa?

Isaac: Tá no carro. Quinhentos gramas.

Rabecão (excitado): Então vamo logo que eu já tô seco (se levanta)

Isaac: Olha, Rabecão: pega a porra da maconha no carro. Tá em baixo do banco do passageiro... Tá toda prensada. Eu vou dar um tempo ainda, entendeu?

Rabecão (irônico): Tô ligado, meu irmão! Tá afim de fofar com a galega, né não? Se tu comer essa daí eu te devolvo a parada e tu come meu cu.

Isaac (rindo): Frango! Teu cu eu dispenso, mas a parada eu aposto.

Rabecão (rindo): Então nada feito. Só se rolar cu. Sem cu não há acordo.

Isaac (rindo): Vai prá lá, sua bicha. (Rabecão se vira sorrindo e começa a sair e Isaac grita por ele) Rabecão! (Rabecão se volta) Aparecendo outra jóia daquela, só é... (coloca o polegar na orelha e o dedo mínimo na boca, imitando um telefone)

Rabecão se vira e sai do bar. A câmera que o seguia corrige até Lígia, que está encostada no balcão com uma bandeja virando um copo de conhaque. Ouvimos a voz de Isaac:

Voz de Isaac: Oh, minha filha! Me veja uma bem gelada.

Seq.21: O Almoço do Canibal

(Sala da casa de Kika - int. - dia - cor - som direto)

Sentados na mesa, Kika e Wellington almoçam. Ele devora ferozmente sua refeição, engolindo grandes pedaços de carne mal passada, acompanhada por feijão, arroz, farinha e uma manga. Kika come umas rodelas mal cortadas de tomate, duas folhas de alface, arroz e uma batata cozida. Sua expressão é de uma depressão abusada. Não existe vontade de ingestão.

Kika (quase que em torpor): Kika Canibal...

Wellington, pelo amor de deus, que estória é essa? (silêncio) Faço de tudo para não me meter nessas intrigas, não faço mal a seu ninguém... Não dou trela, e aí o que é que eu ganho? Kika Canibal.

Wellington (sem dar muita importância): Oh, Kika! Isso é coisa de criança. Tu num sabe que essas pestes desses meninos adoram avacalhar com as pessoas de bem? Lembra do caso de Suian?

Kika (curiosa): Que Suian? A pedicure?

Wellington: Essa. Num mandaram bilhete pra toda a vila, dizendo para ninguém fazer unha com ela que a mulher tava aidética? Só maldade de criança, esses filhos de uma puta...

Kika (com convicção): Já pedi uma vez, duas, três, hum milhão... Quer falar palavrão, fala com teus colega, mais em baixo desse teto quero pelo menos respeito. (silêncio. Os dois voltam a comer. Depois de uns instantes ela volta a falar displicentemente) Mas ela bem que merecia. Traiu.

Wellington (sem muita atenção): Oi?

Kika: Suian! Merecia o castigo. Traiu o marido. Todo mundo soube. Acho é pouco. Uma coisa... por sinal, a única coisa que eu não tolero é a traição. Assassinato, violência, roubo... tudo eu perdôo. Menos

a traição. A adúltera é repugnante. (silêncio) O adúltero também. (Wellington continua comendo como se não desse atenção) Quem com ferro feriu, com ferro será ferido. (silêncio) Não quero nem pensar!

Seq.22: O Povo Almoça

(Várias locações - int./ext. - dia - cor - som direto)

Essa seqüência mostra o almoço pela cidade. Almoço familiar, almoço em restaurante, almoço de mendigo, almoço de marmita. A seqüência é sempre entrecortada por planos da cidade no meio do dia. Aí começamos a ouvir em off uma conversa da seqüência posterior. Começamos a ouvir a voz de Seu Bianor, que pergunta as capitais de alguns países, e a do Padre, que responde as perguntas do dono da pensão.

Seq.23: Lição de Vida

(Salão do Texas - int. - dia - cor - som direto)

Numa pequena sala do Texas Hotel várias pessoas estão reunidas para almoçar. Os índios comem tranqüilamente. Numa mesa se encontra Seu Bianor, Aurora e o Padre.

Seu Bianor: E a capital da Venezuela?

Padre: Caracas.

Silêncio e barulho de talheres. Aurora começa a tossir.

Dunga: Saúde, Dona Aurora.

A tosse continua, e o Padre comenta com Dunga.

Padre: Dunga, meu filho, a gente diz saúde quando a pessoa espirra e não quando ela tosse.

Seu Bianor: Engasgou, Aurora?

Aurora (quase impossível de entender): E então?
(continua a tosse)

O Padre e Dunga correm em socorro de Aurora. O Padre batendo nas costas dela, que está com os braços para cima. Dunga, com um avental, obriga Aurora a tomar água.

Seu Bianor (com delicadeza): Tá melhor, minha santa?

Aurora, com os olhos cheios de lágrimas, faz um sinal afirmativo com a cabeça.

Padre (voltando a sentar): Respirando devagar, dona Aurora.

Aurora (com a voz ainda embargada): Ave Maria! Todo dia é assim, meu deus! Como e me engasgo. Isso são os pecados de outros tempos. Que provação, meu deus. Toda vez... a comida não desce. Parece que tem uma coisa...

Dunga (meio piadista): Peraí, né Aurora. Já vem armando o circo. Já passou, viu. Coma o frango devagar.

Seu Bianor (com respeito): É o arroz.

Padre (com espanto): Como assim?

Dunga (saindo): É que pra seu Bianor o arroz tem que ser papa para não engasgar. (Dunga começa a retirar alguns pratos que estão vazios sobre algumas mesas).

Aurora (respirando pesado): Minha respiração já não é tão bacana, e me engasgando assim...

Padre (com autoridade): Olhe aqui, Dona Aurora. A senhora vive dizendo que tá pagando, que isso e aquilo. Mas pense comigo: primeiro que o perdão é dado por aquilo que somos, e o castigo não é equivalente aquilo que fizemos. E depois, a senhora tem que concordar comigo, engasgar não é uma forma tão extraordinária de punição. Pese o passado, observe o presente e meça o que a senhora acredita ser castigo.

Aurora fica encarando o Padre, olhando-o com curiosidade e respirando fundo. Dá de ombros com a cabeça e volta a comer um pedaço de galinha com a mão, e com o garfo afastando para os cantos o arroz. Seu Bianor que comia até aquele momento, sem dar muita atenção para a fala de Padre, olha-o e pergunta muito diretamente.

Seu Bianor: E a capital da Síria?

Padre: Damasco.

Seq.24: O Homem Perdido

(Bar da cidade - int. - dia - cor - som direto)

Isaac continua no avenida. Ele agora está visivelmente bêbado. Sobre sua mesa uma boa quantidade de garrafas está amontoada e ele bebe uma cachaça. Um prato está sujo de gordura e com alguns guardanapos sujos estão diante de si. O rádio toca uma música. Atrás de Isaac um casal dança desajeitadamente. Ele se volta para Lígia, e lhe faz sinais, pedindo outra garrafa. Lígia, com sua costureira cara de abuso pega uma cerveja para levar até Isaac. Coloca o casco sobre a mesa e abre violentamente, com um grande barulho. Isaac fica encarando-a, e ela lhe devolve a ousadia.

Isaac (bêbado): Todos os seus cabelos são dessa cor, ou a moça só tem dinheiro para pintar os da cabeça?
(solta uma imensa gargalhada)

Lígia, sem nada dizer, sobe numa cadeira e depois numa mesa. Em seguida levanta sua saia. O público do bar começa a ovacionar a atitude dela, que, ainda encarando Isaac, abaixa a saia e desce da mesa. O velho boêmio segue Lígia até o balcão batendo palmas muito delicadas, com um cigarro pendurado nos lábios.

Seq.25: Passando o Jogo

(Banca de Bicho - ext. - dia - cor - som direto)

Sentada em sua banca de passar jogo do bicho, Dayse está acabando de anotar a aposta de alguém. Ao seu lado, num prato, o caroço de uma manga. Ela mantém todo um diálogo interior com balanço da cabeça. De repente parece resolvida. Fala com o dono de um fiteiro que fica colado a banca.

Dayse (resoluta): Seu Sá, passe uma vistinha pra mim que eu vou telefonar ali, viu?

Seu Sá (com desdém): Volte rápido mesmo que eu não vou ficar olhando muito tempo não, viu?

Dayse (com raiva): Muito engraçado o senhor, né seu Sá. Pra pedir não tem vergonha, mas pra ajudar... Eita bicho cabuloso! Eu volto logo, viu? É só um telefonema.

Seu Sá que não estava dando a mínima às palavras de Dayse, continuou olhando para o lado oposto a ela, como se aquilo não lhe dissesse respeito. Dayse caminha resmungando.

Seq.26: A Louça de Kika

(Cozinha de Kika - int. - dia - cor - som direto)

Na pia de sua casa Kika acaba de lavar a louça do almoço. Ela arruma o balcão de uma forma bem simétrica, dando uma certa ordenação ridícula. Enquanto Kika passa um pano úmido em seus eletrodomésticos, começamos a ouvir o ambiente do açougue onde trabalha Wellington. Som de telefone.

Off de um Homem: Alô? (pausa) Peraí. Oh... Rivaldo. O Canibal já voltou do almoço?

Off de Wellington com voz ao longe: Chamou, chegou.

Off de um Homem: Telefone, Canibal. E vem logo que estou esperando telefonema, viu?

Neste instante o copo do liquidificador escapa das mãos de Kika e cai no chão. Ela fica congelada olhando em frente, como estivesse represando alguma reação.

Seq.27: A Dúvida

(Escritório do matadouro - int. - dia - cor - som direto)

Numa pequena sala, muito suja e desarrumada, estão Wellington e o patrão. Este é um senhor roliço e baixo que tem em sua mesa vários cadernos de anotações e uma máquina de calcular ultrapassada. Ele olha, com um palito entre os dentes e com certa cara de deboche para Wellington que está ao telefone.

Wellington: Dayse, olha aqui. Não tá certo, viu? (pausa) Caralho, tu tá foda mesmo. (pausa) Não fala assim. (pausa) Olha. (pausa) Olha. (pausa) Aí não. (Pausa) Você não seria louca, não é? (Pausa) Calma. Hoje então. Tem que ser hoje, não pode... (pausa) Tu é muito tindhosa, não é Dayse. (Pausa) Ah! Está com pressa! Tá bom. Lá no campinho. (pausa) Agora é o seguinte: não apronta... Alô? (Desligando com raiva o telefone) Que filha da puta!

Patrão (Interpretando raiva): Oxe! Tu briga com tuas raparigas e vem descontar no meu telefone?

Wellington (voltando a si): Desculpa. É que essa aí me deixa louco. Meu coração chega tá disparado. Olha aqui.

Wellington pega a mão de seu patrão colocando-a em seu peito. Ouvimos a primeira frase da próxima seqüência enquanto a câmera fecha no detalhe da mão sobre o peito.

Seq.28: A Última Prosa

(Recepção do hotel - int. - dia - cor - som direto)

Seu Bianor está sentado numa cadeira, ladeado pelo padre. Conversam.

Padre: Na verdade, seu Bianor, não sou mais ou menos infeliz com a situação de minha igreja. De uma coisa não posso reclamar: fiéis. Eis algo que não existe para me tomar o tempo. Tá fechada, não tem missa, roubaram os santos... mas e daí? Não me faz diferença. O importante é deus, e o resto... (faz uma expressão de indiferença) Tenho ou não tenho razão?

Seu Bianor: Quem sou eu para contradizer uma palavra sua. De certo deve estar certo.

Padre: E existem tantos locais onde essas pessoas podem expor sua fé. Estão aí os grandes templos protestantes, os terreiros, as clínicas psiquiátricas... Fazem muito bem em deixar minha igreja em paz.

Seu Bianor: Só imagino que assim um dia ela vai desaparecer!

Padre: Assim será, meu amabilíssimo amigo Bianor. Não há ostenta? Não há igreja. Estou tranqüilo e calmo.

Aqui faz-se um silêncio temporário.

Seu Bianor: Vou mandar Dunga preparar uma sopa para o jantar. (Nesse instante toca o telefone. Seu Bianor atende rapidamente. Sua voz, no entanto, continua a mesma.) Texas Hotel, boa tarde.(escuta um momento) Espere um pouquinho. (gritando) Dunga! Oh Dunga! Telefone.

O padre e seu Bianor ficam sentados lado a lado sem trocar uma palavra. Dunga chega apressadamente e atende o telefone. Neste instante a tela se divide em duas, e vemos do outro lado da ligação Dayse.

Dayse (aflita): Dunga?

Dunga (falsamente alegre): Dayse, mulher! Que milagre é esse? Deve até chover hoje...

Dayse (aflita): Olha Dunga, num posso me demorar não. Quero que tu me faça um favor. Hoje num posso ir no terreiro, entendeu? Diz a pai Adão que hoje tenho um compromisso e vou ficar na falta.

Dunga: A bicha vai rodar nas tamanca, visse?

Dayse: Mas diz a ele que é urgente. (silêncio)
Wellington!

Dunga (mudando a expressão): Vai mamar o bofe hoje?

Dayse (rindo): Eita baixaria da porra! Não minha filha. Hoje acabo tudo. Não dá mais não, minha filha. Essa história de homem casado é foda... E eu não agüento mais Kika.

Dunga: Eita! E onde vai ser a capoeira? Já sei que daí vai sair tempero, viu?

Dayse: Lá no campinho do Euclides. Vou dizer um tanto assim de verdade pra ele. Sabe Dunga? Cansei, viu. Tô cheia.

Dunga (rindo): Menina, tá decidida.

Dayse: Tu faz esse favor, Dunga? Fala pro pai Adão, tá bom?

Dunga: Faço sim, senhora.

Dayse: Eu vou ter que ir em bora que Seu Sá ficou olhando a banca e eu aqui. Obrigada, viu amiga. Que Iansã te dê um bofe maravilhoso.

Dunga: Deus te ouça.

Dayse: 'tê logo.

Dunga: Tchau!

Dunga desliga o telefone. O padre e seu Bianor continuam sentados. Seu Bianor fala com Dunga, mas não expressa nenhuma emotividade.

Bianor: Dunga, meu filho, prepare uma sopa com o resto do feijão pra janta, viu!

Dunga: Tu vem com o milho, e meu xerém já tá pronto. A sopa já tá quase pronta. (faz menção de sair e se detém no meio do caminho) Seu Bianor, vou ter que sair hoje lá pelas quatro, mas volto rápido, viu?

Seq.29: Passando dos Limites

(Bar Avenida - int. - dia - cor - som direto)

No balcão do bar, Lígia conversa com o velho boêmio, que cada vez está mais trôpego.

Lígia (com certa convicção): Vou arrendar o bar sim. Agüento mais essa merda nada.

A câmara passeia pelo bar, que agora não está cheio. Apenas um casal está sentado, e Isaac, que olha continuamente para Lígia.

Lígia (com desdém): E ainda tem esse pessoal de merda. Oh pra isso? (aponta Isaac com o beijo, mostrando um certo desprezo). Eita cada coisa que a gente tem que ver. É incrível isso, como temos que pagar para ver, sempre ver.

Isaac está quase que hipnotizado. Ele toma uma atitude, se aproximando de Lígia, e fala encarando-a:

Isaac (com furor): Todos os seus cabelos são idéias! Todos!

Isaac tenta agarrar ela à força, que se debate. Os freqüentadores do bar seguram Isaac pelo braço e o jogam no meio da rua. O velho boêmio sorri, agarrado a um copo de cerveja, mas aproveita para chutar Isaac no chão. Enquanto isso ouvimos a voz de Lígia gritando.

Lígia (gritando): Bota esse filho da puta na rua... Pega a carteira dele. Esse porra vai pagar. Que onda, rapaz!

Isaac tenta ficar de pé, mas leva uma rasteira do boêmio e volta a cair, e enquanto isso Lígia tira a carteira dele do bolso traseiro.

Lígia (com certo descontrole): Só falta agora esse filho da mãe não ter dinheiro. (abrindo a carteira e

tirando algumas notas e olhando o dinheiro) Bota pra fora.

Isaac é jogado na rua, e na porta do avenida aparece Lígia.

Lígia: E nunca mais me apareça aqui, tá ouvindo? Nunca mais.

Isaac, ainda cambaleante, se levanta e fica olhando para Lígia, que agora está ladeada pelo velho boêmio, que se diverte muito com toda a cena.

Isaac (com ira): Mas todos os seus cabelos são idéias. Puro barro. Pura idéia.

Seq.30: A Sesta de Aurora

(Quarto de Aurora - int. - dia - cor - som direto)

Deitada na sua cama, Aurora dorme. Sua respiração continua acelerada, deixando-a como se estivesse agonizando. Seu olho está meio aberto. Um ventilador está posicionado bem próximo a seu rosto. Ouvimos o som do acordeão ao longe. A câmera passeia pelo corpo de Aurora. Também ouvimos ao longe um som rouco de um megafone que anuncia a venda de ovos.

Seq.31: Alvorada na Cidade

(Cidade - ext. - tarde - cor - som direto)

Vários planos da cidade a todo vapor durante a tarde. Captar planos abertos, do movimento e planos de pessoas caminhando na rua. Enquanto isso continuamos a ouvir o som do acordeão.

Seq.32: Em Torno da Fé

(Becos de Favela e Igreja - ext. - tarde - cor - som direto)

Enquanto caminha por entre barracos e ruas estreitas de uma Favela, o Padre vai refletindo sobre a vida.

Padre em off: Na estrada em que você caminha podem faltar montanhas de coisas para satisfazer a vontade de um homem. Mas o homem é ímpio e a satisfação de um coração não faz parte de sua audácia. O homem é sexo e estômago.

Em sua cabeça se misturam frases que ele constrói a partir de reflexões de outros. A idéia é construir uma confusão de reflexões sobre o homem e suas humanidades. Ao chegar a sua igreja, podemos vislumbrar uma construção abandonada, e apenas os cães parecem fazer parte daquele ambiente.

Seq.33: A Saída de Dunga

(Texas Hotel/Ruas da Cidade - ext. - tarde - cor - som direto)

Dunga sai do Texas Hotel. Na frente seu Bianor está dormindo numa cadeira. Dunga caminha com convicção. Ele está mais arrumado, sem sua roupa de cozinha. Algumas pessoas achincalham com ele. A montagem é cortada, sempre aparecendo Dunga em vários locais, mais sempre andando com determinação. No final da caminhada, encontramos Dunga com um menino de mais ou menos quatorze anos. Dunga lhe entrega um envelope. O menino sai correndo e Dunga fica esperando. Está visivelmente ansioso.

Seq.31/a: Alvorada na Cidade

(Cidade - ext. - tarde - cor - som direto)

Voltamos às imagens da cidade, com seu dia-a-dia e seus personagens.

Seq.34: A Volta de Isaac

(Texas Hotel - ext./int. - tarde - cor - som direto)

Isaac para o carro alaranjado em frente ao hotel, e desce cambaleando. Na porta seu Bianor continua sentado, dormindo. Isaac passa por ele e vai entrando. A montagem vai acompanhando a passagem de Isaac por vários cômodos do hotel: A recepção, a sala de televisão (com os velhos reunidos em volta da televisão), o corredor, até a porta de seu quarto. Isaac entra no quarto e se joga sobre sua cama de roupa e sapato. O barulho de um mosquito toma conta do quarto. Gotas de suor escorrem pelo pescoço de Isaac. De repente ele abre o olho, e na sua frente está Lígia, com a saia levantada bem na altura do rosto dele. Ele não consegue se levantar e fica olhando doentamente em direção a Lígia, que ri como que possuída.

Seq.35: Autocomiseração

(Sala da casa de Kika - int. - final de tarde - cor - som direto)

Kika está em sua casa, limpando os móveis, com o olhar perdido. Seu cabelo está solto. Ela se abana com uma revista. No rádio toca um hino religioso.

Kika (com ira): Ora merda!

Um envelope é colocado sob a porta de Kika. O barulho chama a atenção dela. Ao ver o envelope Kika o olha fixamente. O hino religioso aumenta de volume. Ouvimos risadas ao fundo. A câmera vai fechando lentamente no envelope, que está no chão. A luz que é fraca aumenta de intensidade.

Seq.32-a: A Saída de Dunga

(Rua da Cidade - ext. - tarde - cor - som direto)

O menino se encontra com Dunga, que está ainda mais ansioso.

Dunga: Entregou direitinho?

Menino (maroto): Direitinho!

Dunga (tirando uma nota do bolso): Muito bem, meu filho! (pausa. segurando o dinheiro) Qual era o número da casa?

Menino (ainda maroto): Na rua da Bola numero 13!

Dunga (excitado): Puta merda! Do caralho, viu meu filho! Tome (entrega o dinheiro) Noutro dia eu te dou outra coisa também. Já tá na idade de tirar o queijo.

Menino: Vai pra lá, frango!

Dunga dá uma gargalhada e vai se retirando, feliz da vida.

Seq.36: A Revelação

(Sala da Casa de Kika - int. - tarde - cor - som direto)

Kika está sentada, com expressão muito séria. Ela segura a carta na mão. Atrás dela percebemos Dunga, que lê a carta em voz alta:

Dunga: Minha amiga! Não pretendo fazer inferno com ninguém, mas um homem que trai precisa ser desmascarado. Hoje, cedo da noite, apareça no campo por trás do canal do Euclides. Não tenho mais nada a dizer. Abre o olho... Homem que trai precisa ser desmascarado. Cedo da Noite...Hoje. Não tenho mais nada a dizer... Uma amiga.

A luz que está sobre Dunga vai gradativamente apagando, e a voz dele vai sumindo. Uma lágrima começa a escorrer pelos olhos de Kika, e seu rosto se transforma, se contraindo. Kika rasga a carta.

Seq.37: O Retorno da Vitória

(Texas Hotel - ext. - fim de tarde - cor - som direto)

Dunga, quase que a sambar, vai se aproximando da portaria do Texas. Cantarola festivamente. Entra no hotel, passando por seu Bianor, que continua a dormir. Dunga para diante do seu Bianor e dá alguns passos de samba, se requebrando festivamente, e depois entra no hotel. A câmera fica parada em seu Bianor. Dunga, desconfiado volta até a entrada e olha para seu patrão. A câmera se aproxima dos dois. Dunga começa a ofegar rapidamente, e vai empalidecendo.

Seq.38: O Despertar de Aurora

(Quarto de Aurora - int. - noite - cor - som direto)

Aurora continua deitada em sua cama. A sua respiração ainda é ofegante. De repente ouvimos um grito. Os olhos de Aurora se abrem, mas ela continua deitada, imóvel. Os gritos, muito histéricos, continuam repetidamente. Lentamente Aurora vai levantando da cama. Coça as costas e liga seu vaporizador, e inicia um processo de inalação. Os gritos continuam.

Aurora (tirando o vaporizador): Ave Maria, que barulho! Nunca vi! Ave... (volta a colocar o inalador no nariz)

Aurora tira outra vez a mascara do rosto.

Seq.39: O Finado

(Sala do hotel - int. - noite - cor - som direto)

Deitado sobre o sofá está o corpo de seu Bianor. Os moradores do hotel estão ao redor dele. Apenas o tocador de acordeon, que agarrado a seu instrumento, continua a ver televisão. Num canto, sentado, está Dunga. Ele está rodeado por algumas pessoas, que lhe dão água com açúcar. A respiração dele é dramática. Suas mãos tremem. Comenta com um dos moradores do Texas sobre o que terá que fazer agora.

Dunga (arfando): Ai, meu deus! Ai, meu Deus. E agora? Eu nunca sei fazer nessas horas. (pequena pausa. Dunga volta a explodir em soluços). Oh, seu Bianor? Isso é hora? (coloca as mãos sobre o rosto e chora).

Um dos moradores do Texas que está dando água com açúcar para Dunga comenta:

Morador 01: Dunga, é muito complicado. E tem que ter atestado de óbito! Tem que ter um médico. E depois tem o caixão. Depois tem o cemitério...

De repente Dunga se levanta decidido.

Dunga: Num me aperreia mais do que já tô aperreado não, pelo amor de Deus. (pausa. Olhando para o corpo de seu Bianor sobre o sofá) Oh, seu Bianor! Sempre me dando trabalho.

Dunga caminha em direção ao corredor. Seu Bianor continua ali no sofá, esquecido à própria sorte.

Seq.40: Wellington Sai do Trabalho

(Saída do açougue - int./ext. - noite - cor - som direto)

Trocado de roupa, e com banho tomado, Wellington sai de seu trabalho. Fala com algumas pessoas na saída. Acende um cigarro. As chamas iluminam o rosto de Wellington, que parece preocupado.

Seq.41: A Preparação da onça

(Sala e Quarto de Kika - int. - noite - cor - som direto)

Kika está acabando de se preparar para sair. Ela veste uma saia, até um pouco abaixo do joelho, e uma camiseta lisa. Seu cabelo agora está preso por um coque. Ao final, Kika pega uma bolsa e coloca sobre o braço, e sai em seguida. A câmera fica enquadrando a porta, que volta a abrir. Kika entra bem ligeiro. Vai no seu quarto, pega uma caixa de sapato que está escondida em baixo de umas roupas dentro de seu guarda-roupa, retirando uma escova de cabo arredondado e um batom muito vermelho. E antes de guardá-lo, Kika se deixa dominar, olhando fixamente a ponta vermelha e cremosa. De repente guarda o batom e sai apressadamente de casa, esquecendo sobre a cama a bolsa-bíblia.

Seq.42: A Volta dos Indiscretos

(Bar Avenida - int. - noite - cor - som direto)

Lígia está encostada no balcão do bar avenida. Ela dobra guardanapos de papel, colocando-os dentro de um copo tipo americano. Ela está aparentemente cansada. Um grupo está reunido numa mesa tocando um pagode, cuja letra repete sempre a mesma frase.

O velho boêmio continua no bar. No seu canto, junto ao balcão, sempre sorridente, acompanha o samba tamborilando numa caixa de fósforo. Outras pessoas estão no bar. Numa das mesas uma mulher samba sozinha. A expressão dela não diz absolutamente nada. Samba, mas poderia estar a dormir, o que dá um ar patético a sua figura.

Neste instante entra no bar os dois homens que haviam sido expulsos do Avenida pela manhã. Eles agora estão sóbrios, e parecem que acabaram de sair do banho. O Indiscreto 01 trás na mão flores enroladas em papel jornal. Lígia encara os dois. O Indiscreto 01 segreda algo ao ouvido de Lígia, que no início afasta a cabeça, mas logo depois cai numa sonora gargalhada, pegando as flores que lhe são oferecidas. O pagode continua; a mulher samba; o Boêmio tamborila na caixa de fósforo.

Seq.43: Dunga e Aurora

(Quarto de Aurora - int. - noite - cor - som direto)

Aurora está sentada na cama, e alguém está batendo a porta. Aurora, ainda cansada, respira asmaticamente. Desliga o nebulizador e vai até a porta. Dunga, sem nada dizer, invade o quarto de Aurora com determinação.

Dunga (sem arroudeios): D. Aurora, tu não sabe o que aconteceu! (Aurora dá de ombros, ainda um pouco assustada) Pois vê só: Seu Bianor inventou de morrer.

Aurora (quase surpresa): Mas ele num tava vivo?

Dunga (com impaciência): Isso eu sei, morto não estava. E morto não morre, né minha santa?

Aurora (fechando a porta): Pronto, era só o que faltava. (pausa) Pobre de seu Bianor. (senta-se na cama) Mas eu nem consigo ajudar em nada, minha flor.

Dunga (misterioso): E o funeral, Aurora? É muita enrolação, umas coisas de que não sei lá...
(encarando Aurora) O que faço, Aurora? Me dá uma luz!

Aurora (aparentemente alheia): Já avisaram a Padre, Dunga?

Dunga: E o que Padre pode fazer. Um doido. Aquele pouco sabe de reza! (pausa) O que eu faço? Não entendo nada de defunto.

Aurora: O caixão! Antes de tudo o caixão do finado.

Dunga: E onde eu vou arrumar dinheiro pro caixão? Seu Bianor deve ter algum, mas sabe deus onde o bicho guardava os trocados.

Aurora: Dunga, é melhor baixar em outra freguesia. Não sei o que fazer. (pequena pausa e depois em tom confessional) Uma vez morreu uma prima e eu tive que

resolver um monte de coisas. Aí fui fazer o atestado de óbito. E a mulher que batia na máquina ficava dizendo "morro de medo de errar". (silêncio) Eu tenho muito medo.

Dunga e Aurora ficam um instante se encarando.

Seq.44: A Espreita

(Descampado - ext. - noite - cor - som direto)

Num descampado, que serve como campo de futebol, Kika está sentada sobre uma pilha de tijolos atrás de uns arbustos de pinhão. Seu cabelo está solto, e ela penteia com certa raiva. Para de repente e retira de sua bolsa o batom, e fica observando-o, e depois dá uma cheirada, fechando o olho com certo prazer. Outra lágrima escorre do olho de Kika. Neste instante ela percebe o vulto de uma mulher que se aproxima, rapidamente, do paredão por trás de uma das traves do campo. Kika observa e ajeita-se sobre a pilha de tijolos. Sua respiração começa a acelerar, e suas narinas estão dilatadas.

Seq.45: Isaac e o Ataúde

(Quarto de Isaac - int. - noite - cor - som direto)

Deitado em sua cama, ainda vestido como de tarde, Isaac continua a dormir de olho aberto, e Lígia ainda se encontra à sua frente com a saia levantada. O relógio marca sete horas. Na porta batidas secas ecoam. Isaac salta da cama assustado. Ele vai até a porta, resmungando algo que não entendemos muito bem.

Isaac (abrindo a porta): Que é que há, Dunga?

Dunga (com curiosidade e tristeza): Isaac, seu Bianor faleceu! (continua a olhar Isaac.)

Isaac: Ih! (silêncio) Tá olhando pra que, Dunga?

Dunga (desconfiado): Andou se estranhando por aí, Isaac?

Isaac (como se lembrasse de algo e colocando a mão sobre uma mancha no rosto): Puta que pariu! (pausa) Mas sim: Seu Bianor morreu? (Dunga faz sinal afirmativo com a cabeça) Coitado, né? A morte só é bem vinda para o morto. (pausa e encara Dunga) E aí? E o que é que eu tenho com isso?

Dunga (ainda desconfiado): Oh, Isaac! A gente não sabe como conseguir o caixão, nem se sabe onde seu Bianor guardava o dinheiro dele, se é que ele guardava. Aí eu não sei o que fazer...

Isaac (cortando Dunga): E eu sei o que fazer? Vê se o velho não escondia o dinheiro no cacete. Mete a mão na mala do velho e vê se naquela toca num tem coelho. Se não tiver lá tu vai atrás de um vereador. Você lembra do vereador que distribuía caixão para pobre, num lembra? E vai dando licença que eu...

Dunga (abusado, cortando Isaac, lhe dando as costas): Que filho de uma puta! Nem um morto o homem consegue ajudar...

Isaac (gritando da porta): Filho da puta, um caralho. Um cacete. (fechando a porta e colocando a mão sobre o machucado, e de repente lembrando de algo) Minha carteira(Isaac se joga na cama. Fica um tempo deitado resmungando. Senta-se na cama. Está visivelmente ansioso). Ora porra! (pausa) Vou voltar lá. Quero minha identidade. Quero aquela mulher. (pausa) Caralho! A única função de Dunga aqui é acabar com meus sonhos.

Seq. 46: A Caminho do Calvário

(Rua - ext - noite - cor - som direto)

Wellington caminha pelas ruas de um bairro popular. Ele parece nervoso. Fuma um cigarro com muito prazer, e vez por outra olha para a brasa, como se certificasse de algo. Ele passa diante de um templo protestante. Ele sai de quadro, continuando a caminhada, e a câmera se detém diante do templo, onde fiéis, com as mãos para o alto, entoam um hino de louvor.

Seq. 47: O Povo a Noite

(cidade - ext. - noite - cor - som direto)

Imagens da cidade a noite. Esta seqüência é iniciada com a andada de Wellington indo para o encontro. Neste momento uma narrativa radiofônica vai acompanhando a seqüência. Imagens de paradas de ônibus, trânsito, gente cochilando etc.

Seq.48: A Anunciação

(Igreja - int. - noite - cor - som direto)

Padre está deitado sobre uma coberta no chão da igreja abandonada. Sua expressão é de felicidade, mirando bem o teto. De repente alguém bate a porta.

Padre (sem se levantar): Pois não?

Ninguém responde, e irritado o padre se levanta, ajeita sua roupa e dirigindo-se à porta.

Padre (irritado): Aqui não tem conforto! Esse povo deveria procurar conforto onde tem conforto. (pausa, se aproximando da porta) Quem é e o quê deseja?

Off da voz de um estranho: Eu sei que a vida é dura, mas não podemos nos curvar diante das mazelas. Meu guardião, só venho te falar que a morte levou seu Bianor e que lá também precisam de teus préstimos.

Padre (surpreso): Já sigo prá lá!

O padre se vira, e fica alguns instantes mirando a câmera.

Padre: Ainda pouco vivo. Gelo só em pensar na morte

Seq.49: A Besta Escapa

(Texas Hotel - int. - noite - cor - som direto)

Isaac está saindo de seu quarto. Ele ainda veste a mesma roupa, mas tem o cabelo penteado e o rosto lavado, e um esparadrapo sobre o olho. O derrame em seu olho é mais evidente. Sai apressadamente e entra no corredor. Quando vai chegando na sala cruza com alguns moradores do Texas. Isaac passa por ele, passa pela sala do cadáver. Para e fica a olhar fixamente o corpo de Bianor sobre o sofá. Seu corpo vai sendo arrastado, quase que magicamente até o corpo de Bianor. Sua mão desliza levemente sobre o rosto do morto. Suas narinas estão dilatadas e ofegantes. A voz de Dunga tira Isaac de seu transe.

Dunga: Tá vendo que derrota, Isaac!

Isaac (Na porta da sala, assustado): Oi? (voltando a si)Dunga, você sempre me tira do sério. (pequena pausa)E então sua bicha, resolveu o problema?

Dunga (quase sorrindo): Achei o dinheiro. Tava no saco de seu Bianor mesmo. Que velho mais safado!

Isaac: Tá vendo? Não falha! Quando não serve de mais nada, a gente usa de cofrinho (gargalha e sai do hotel apressadamente, sem não antes voltar os olhos para seu Bianor, que permanece imóvel sobre o sofá)

Dunga se dirige até o defunto. No meio da sala bate palmas para chamar a atenção e avisa:

Dunga: Tudo resolvido. Daqui a pouco chega o caixão.

Seq.50: O Ataque da Onça

(Campo - ext. - noite - cor - som direto)

Kika continua sentada na sua pilha de tijolos. Agora entra Wellington em cena. A mulher acena para ele. Os dois se encontram e começam a falar, sentados junto ao muro. Kika não ouve o que eles falam, mas sua expressão é cada vez mais perversa.

A câmera agora enquadra Dayse e Wellington.

Wellington (surpreso): Então tudo acabou?

Dayse: É meu filho. Prá mim basta. Não quero mais ser a urso. Já virei piada, meu nêgo. Tô afim é de sair dessa. (pausa) É uma pena, pois tu é um bofe da porra, mas...

Wellington: Oh, minha filha! Deixe de brabeza.

Dayse (afastando a mão de Wellington de seu peito): Alto aí, pareceiro! Tira a mão boba.

Wellington (insistindo): A última vez... a despedida...

Dayse (consentindo): Vê lá, hein?

Os dois começam a se abraçar. Wellington se levanta e depois puxa Dayse jogando-a contra a parede, e abre sua calça.

Voltamos agora para o ponto-de-vista de Kika, que tem no rosto uma mistura de ódio e prazer. Ela se levanta determinada e se aproxima do casal, que parecem dois animais no cio durante a cópula, e não se apercebem da aproximação de Kika, que pega uma pedra no chão. Quando ela está bem perto do casal mete a pedra na cabeça de Dayse que solta um grito. Assustado, Wellington se afasta com a calça à altura do joelho. Dayse cai sentada no chão e Kika avança sobre ela, mordendo-lhe a orelha. Dayse começa a

gritar, tentando puxar o cabelo de Kika, mas não consegue. Com a calça ainda arriada, Wellington parte para o lado das duas, mas Kika, sem soltar Dayse, lhe dá um murro entre as pernas. Lentamente ele vai desmoronando.

Com Dayse já caída no chão, se debatendo, Kika, vitoriosa, se afasta. A cabeça de Dayse começa a se encher de sangue. Kika cospe de sua boca um pedaço de orelha ainda com o brinco. Depois cospe em cima. Se levanta categórica, e ainda tem tempo de jogar um punhado de areia na cara de Wellington, que tenta reagir, mas termina levando outro portentoso golpe na virilha. Kika pega sua bolsa e se afasta rapidamente, enquanto o casal se debate no chão. Outra lágrima escorre do rosto de Kika, só que desta vez ela está sorrindo, felicíssima.

Seq.51: Dádiva Divina

(Quarto de Aurora - int. - noite - cor - som direto)

Aurora está vestindo uma roupa preta. Ela está sentada à beira da cama. Ao seu lado descansa um terço e o inalador desligado.

Aurora (chorosa): Agora foi o velho Bianor! As vezes parece que tudo vai morrendo, menos eu. (pausa) Vai ver que eu não morro mesmo. Num dizem isso: gente ruim morre por último. (pausa) Ih! Mas dá um medo ficar sozinha... Imaginem que minha casa já foi de festa... Oxe! Era gente, viu? Agora... Só essa falta de ar. (tosse. Se acalma) Eu é que não vou descer. De jeito nenhum. Nem morta.

Aurora se levanta calmamente e vai até seu guarda-roupa e retira uma caixa com um laço. Abre lentamente e de dentro vai retirando lembranças: um tufo de cabelo envolto por uma fita, um dente num algodão, algumas fotos, que ela vai arrumando uma ao lado da outra. São fotos antigas. Depois de todas perfiladas Aurora respira fundo.

Aurora (sem entusiasmo): Não ficou nem fantasma!

Aurora liga o inalador enquanto olha as fotos.

Aurora (olhando as fotos, como se conversasse com elas e aspirando o inalador): Isso é bom, dilata as idéias.(Aurora dá uma pequena risada) Pobre de Bianor! Eu nunca tinha imaginado o Bianor morto.

Seq.52: Em Busca do Amor

(Bar Avenida - int. - noite - cor - som direto)

Isaac estaciona seu carro próximo ao bar Avenida. Antes de sair do carro coloca seu revólver na cintura e caminha até o bar. Vai falando para si mesmo:

Isaac: Quero meus documentos! Uma porra que perco. Mato um mas me devolvem a porra dos documentos. (pequena pausa)E Lígia também. Quero ela. Quem mandou ela entrar no meu sonho. Identidade e Lígia.

Em BG ouvimos um discurso que ainda não sabemos quem fala. É um trecho de uma crônica de Renato Carneiro Campos, Tempo Amarelo (aqui apresentada a partir de uma montagem):

"Amarelo é a cor das mesas, dos bancos, dos tamboretas, dos cabos das pexeiras, da enxada e da estrovenga. Do carro de boi, das cangas, dos chapéus envelhecidos, da charque. Amarelo das doenças, das remelas dos olhos dos meninos, das feridas purulentas, dos escarros, das verminoses, das hepatites, das diarreias, dos dentes aprobechados... Tempo interior amarelo. Velho, desbotado, doente."

Em volta do Indiscreto 01, que é quem lê o livro, encontram-se Lígia, o Indiscreto 02 e o Boêmio. Numa ponta está Rabecão, que parece muito embriagado, e ouve a leitura sem muita atenção. Algumas mesas estão ocupadas, e numa delas um grupo toca um pagode. Rabecão vê Isaac, e o cumprimenta:

Rabecão: Salve, salve Isaac! Gostou do lar , não é?

Isaac (muito sério): Diz, Rabecão!

Lígia, que desde o cumprimento de Rabecão observa Isaac, fala pro Boêmio, atrapalhando a leitura do Indiscreto 01.

Lígia (desafiando): Espia só quem voltou?

Boêmio (sorrindo): Vai ver que agora o homem se apaixonou. É muita faceta que tem o ser humano! Uma porrada, um amor. Uma porrada, um amor.

Isaac (muito sério): Não estou de brincadeira, e queria meus documentos. Principalmente minha identidade.

Lígia (com desprezo e olhando a sua volta): Mas era só o que me faltava! Oh! Ninguém pegou tua identidade não, viu? E vamo dando o fora, que de corno já tô cheia.

Rabecão (se metendo): O coitado não é corno, não.

Lígia (para Rabecão, lembrando de algo):Ah! É teu amigo, né papa-defunto? Esse filho-de-rapariga ficou por aqui, só na anarquia, fazendo umas comédias, e ainda veio tirar liberdade. Apanhou. (para Isaac)Sou mulher mas até macho tem medo de mim, viu?

Isaac olha para Lígia e dá uma pequena risada.

Isaac: Pois quero minha identidade e você. Você todinha, e todas as suas idéias.

Indiscreto 01 (interferindo): Calma no Brasil, minha gente.

Isaac (com determinação para indiscreto 01):Oh, quatro olho. Quem não sabe onde é a zona não fica dando umbigada. Procura teu galho que aqui...(Isaac é cortado por uma gargalhada de Rabecão)Oh, Rabecão! Tá fudendo palhaço pra tá rindo de graça, é?

Rabecão (reagindo): Vamo de leve, né Isaac. Quem tem telhado de vidro num fica jogando pedra no telhado dos outros.

Isaac (irritado): Vai te fuder, oh mané. (para Lígia) Minha identidade.

Lígia (sem paciência): Olha aqui, seu escroto: tu já deu vexame hoje. Vai querer outro? (se voltando para o boêmio) Tá afim de levar mais porrada, num tá?

Boêmio (moderando): Vamo com calma, né minha flor. (para Isaac) Olha aqui, camarada, ninguém aqui ficou com sua identidade não, viu? Vai ver que você não atentou, e...

Isaac (puxando o revólver): Não atentei uma porra. Eu quero o caralho da identidade. (olhando para Lígia) E ela. E agora, que minha paciência já tomou no cu, ok? Vamo lá?

A voz de Isaac está um pouco trôpega e sua mão treme um pouco segurando a arma. Todos ficam em silêncio.

Rabecão (nervoso): Que é isso, Isaac? Tô até te estranhando. Fique tranquilo, viu? A gente...

Isaac (cortando Rabecão): Cala a boca, seu filho-da-puta. (para Lígia) Vai ficar olhando parada?

Indiscreto 01 (tom apaziguador): Olha aqui, amigo. Que é isso? Vamos resolver esse problema com certa inteligência, tá certo?

Isaac (sem tirar os olhos de Lígia): Quando um homem mais nada tem a fazer, pratica a diplomacia. Ainda acredito que...

Neste instante o Indiscreto 02 tenta segurar a arma da mão de Isaac. A arma dispara. O corte dessa seqüência para a próxima se dá no ruído da arma.

Seq.53: A Confissão

(Cozinha do hotel - int. - noite - cor - som direto)

Na cozinha do Texas Hotel estão Dunga e padre. Enquanto prepara um café, Dunga conversa com ele.

Padre: Pelo menos não sofreu, né Dunga? Morreu como nasceu: anônimo, anônimo.

Dunga (com abuso): E agora, Padre? Pense mais eu: quem vai tomar conta daqui? E onde tu vai comer? E eu vou trabalhar onde?

Padre: Tudo a seu tempo, Dinguinha. Deus fez o mundo cheio de mistérios para poder-mos decifrá-lo. Se você reparar bem, a morte do Bianor pode ser um sinal de mudança que esperamos. Talvez nada signifique, o que é mais provável.

Dunga (depois de uma pequena pausa e com as mãos na cintura): Deixe de ser doido, Padre. Sei lá o que tu tá dizendo?

Padre (com curiosidade, mudando de assunto): Dunga, onde mora a tua família, que eu não sei?

Dunga (surpreso): Que curiosidade é essa, macho?

Padre: Não é curiosidade, Dunga. É que para mim é outro mistério.

Dunga (sorrindo): E a tua, Padre?

Padre (muito sério): Desde que virei Padre que não vejo os meus. (pausa) Fiz voto, sabe?

Dunga: Olhe só, Padre. Não adianta vim com essas missas não que eu sei muito bem qual é a tua igreja, e de gente doida já tô por aqui. As vezes chego a pensar que a única pessoa boa do juízo aqui sou eu.

Os dois ficam em silêncio enquanto Dunga acaba de coar o café.

Dunga: Padre, você acha que por amor a gente deve fazer qualquer coisa?

Padre (com certa autoridade): Não há erro quando se ama. O amor está acima de tudo.

Dunga (irônico): Até matar?

Padre (surpreso): Evito pensar sobre isso, apesar de não achar a idéia de todo má.

Dunga: Padre, tu num existe não, viu? Eita Padre comédia.

Seq. 54: Dayse no Hospital

(Emergência - int. - noite - cor - som direto)

Na emergência de um hospital público, Dayse, numa maca no corredor, que chora convulsivamente, tem uma toalha ao ouvido para estancar o sangue. Eles estão no que parece ser o corredor, onde existe uma certa confusão. Ao seu lado Wellington a olha com certo ódio.

Dayse (descontrolada): Ai, meu deus. Ai que dor, meu deus. Ai, minha orelha.

Wellington (com certa raiva): Tá chorando agora, né? Mas quem armou isso foi você. Você não queria ver o circo pegar fogo? Agora eu é que me lasquei todinho, né dona Dayse?

Dayse (confusa): Oxe, Wellington? E eu me arrombo e tu é quem se lascou? (pequena pausa) Ai, que dor, meu deus!

Muito nervoso, Wellington começa a caminhar de um lado para outro ao lado da maca em que Dayse se lamenta.

Wellington (parando e olhando para Dayse): Sabe o que eu tenho vontade? É de dar um murro na tua cara. (fora de controle, ele fica esmurrando a palma da mão) Sabe? Mas deixar ela toda amassada de tanto murro. (parando de esmurrar a mão) Como tu faz uma coisa dessas, Dayse? Tu não tem vergonha não, é? (pausa olhando Dayse, que também olha para ele, quase surpresa) Tem nada. Vergonha é o que não tem. Agora tu pensava que eu ia ficar com tu, era? Uma porra, Dayse. E sem orelha? Nunca. (silêncio, e Dayse, assustada, encara Wellington enquanto segura a toalha sobre a orelha) Eu quero Kika.

Wellington cobre o rosto com a mão sufocando uma grande dor. Dayse encara Wellington em

silêncio. Wellington começa a se afastar lentamente da maca e Dayse o acompanha com o olhar.

Dayse (falando alto): Wellington, tu vai pra onde? Wellington, não me deixe sozinha não, pelo amor de deus. Avisa lá em casa, Wellington. (Ele se volta para ela e lhe manda uma dedada cheia de rancor. Dayse começa a gritar) Seu merda. Tu vai se lascar, Wellington. Ai, meu deus.

A câmera acompanha Wellington que vai saindo do hospital. Os gritos de Dayse vão ficando ao fundo.

Seq. 55: Narrando o Ocorrido

(Bar Avenida - int. - noite - cor - som direto)

Lígia está de pé no Bar Avenida. As portas estão semicerradas. Atrás dela tem uma mulher (delegada) e dois policiais. Enquanto ela fala a câmera vai lentamente fechando no rosto dela. E durante a sua fala vamos para flash-backs do ocorrido no Bar Avenida depois do tiro de Isaac.

Lígia (muito séria): Ele entrou aqui já fazendo confusão. Já tinha vindo a tarde e tinha feito a maior presepada, e não queria pagar, por isso uns clientes terminaram colocando ele pra fora. Mas aí ele voltou. Já chegou gritando e mandando... Dizia que queria a identidade e me queria também. Aí ele puxou o revólver... morro de medo de revólver. Admito toda coisa do mundo, mas revólver acho coisa de covarde. Coisa de quem não tem coragem, entendeu? Coisa de cabra safado...

Fala de Lígia continua na seqüência 54/a, quando vamos mostrando o ocorrido no Bar após o disparo.

Seq. 56: Narrando o Ocorrido

(Bar Avenida - int. - noite - cor - som direto)

Continuamos a ouvir a narração de Lígia, mas agora temos a ilustração do ocorrido.

Off de Lígia: ...aí quando ele estava com a porra do revólver, um rapaz que tava aqui deu um bote nele, mas aí o bicho disparou.

Imagem do Indiscreto 02 dando um pulo sobre Isaac e o revólver disparando.

Off de Lígia: Sabe quando você sente o o vento passando bem pertinho? Pois bem... foi quase.

Close no rosto de Lígia, e um vento passa perto de seu cabelo. Ela fecha os olhos.

Off de Lígia: Mas aí feriu o velho, que vive por aqui. Faz mau a alguém? Nem a uma mosca. Só fez ralar no ombro dele. Aí ele deu um grito...

O Boêmio colocando a mão no ombro e caindo encostado ao balcão. Ele grita...

Off de Lígia: ...e o rapaz do pagode jogou uma garrafa no filho da puta, (...)

Isaac tentando se desvencilhar do Indiscreto 02, recebendo uma garrada nas costas.

Off de Lígia: ...mas ele saiu correndo, e ainda deu outro tiro, que acertou no espelho.

O reflexo de Isaac no espelho, apontando uma arma e depois a imagem se fragmentando.

Off de Lígia: A partir daí não sei pra onde foi o filho da puta. Espero que se foda.

Isaac entrando em seu carro e ligando apressadamente o motor. Dois meninos que estavam no pagode tentam perseguí-lo, mas se escondem atrás de uma árvore, com medo de mais balas. A câmera continua com Isaac dentro do carro, que respira aceleradamente.

Off de Lígia: Que homem louco! E foi isso que aconteceu.

Neste instante voltamos ao som direto, com o ruído do carro de Isaac e sua respiração acelerada.

Seq. 55/a: Narrando o Ocorrido

(Bar Avenida - int. - noite - cor - som direto)

Voltamos a Lígia, que agora está sozinha dentro do Bar. As cadeiras estão arrumadas e as portas fechadas. Ela parece bem deprimida. Antes de apagar a luz do salão do bar, ela começa a tirar a roupa e dobrá-la. Não existe nenhuma sensualidade na cena. Ela se mira, despida, no espelho quebrado.

Off de Isaac: Todos os seus cabelos são idéias!

Seq.56: O Velório

(Sala do hotel - int. - noite - cor - som direto)

Na sala do Texas estão Dunga e o padre, que dorme um sono solto em sua cadeira. Sua boca está aberta, e ele ronca de uma maneira animalesca. A televisão continua ligada. Apenas o homem do acordeon continua a assistir televisão. Dunga está claramente entediado. De repente entra um mulher muito desconfiada. Dá um boa noite quase que imperceptível e vai entrando lentamente. Ninguém se manifesta com sua presença. Ela vai até o pobre caixão e fica contemplando o rosto do morto. Dunga se espreguiça por puro tédio.

Seq.57: O Encontro dos Desesperados

(Rua da cidade - ext. - noite - cor - som direto)

O carro de Isaac caminha pela cidade, lentamente. A rua está muito escura e deserta. Ele cruza por uma mulher, Kika, com longos cabelos negros soltos, e um andar deprimido. A gola de sua camisa está suja de sangue. Isaac para o carro um pouco adiante dela. Numa decisão impensada, Kika se encosta na janela do carro e fica olhando atentamente para Isaac.

Isaac (meio sem interesse): Entre aí, minha filha!

Kika, decidida, abre a porta do carro e entra. Isaac olha para ela e sorri sardônico:

Isaac: Isso aí na gola de seu pescoço, é sangue?

Kika (muito séria): É. Acabei de comer a orelha da amante do meu marido (Risada e silêncio). Eu era uma mulher morta por dentro.

Os dois ficam um tempo em silêncio. De repente Kika começa a rir, e Isaac a acompanha. Ele agarra ela pelo pescoço e começa a lhe beijar violentamente. Kika, que num breve momento esboça uma reação, relaxa e se entrega com volúpia. Isaac se afasta dela.

Isaac: Vamos a um motel?

Kika (com escárnio): Vamos a todos os motéis.

Isaac dá uma arrancada no seu carro, e os dois desaparecem na escuridão da noite.

Seq.58: A Aproximação

(Quarto de Aurora - int. - noite - cor - som direto)

Aurora está deitada na cama. Ele continua com sua roupa preta. Parece dormir, mas seus olhos estão fixos no teto. O nebulizador repousa ao seu lado. Ela respira profundamente. Os objetos de seu quarto estão colocados numa formação simétrica. As fotos que Aurora continuam arrumadas na penteadeira. De repente ela começa a falar, mas continua com seus olhos fixos no teto:

Aurora: Sinto muito, Bianor. Consigo descer não. Eu penso que o mundo, ele todinho, foi feito de mim, e eu nunca vou morrer. Eu que não vou ficar olhando o morto, mesmo que seja o Bianor. Mas Bianor era bom. Eu não... Hoje estou melhorzinha, mas não sou boa, boa... sou mais ou menos. Já fui ruim, mas hoje sou mais ou menos.(silêncio) Eu fico pensando como esse mundo só tem fantasma vivo.

Ao final Aurora está colocando o nebulizador na vargina. Ela está entre o cômico e o trágico.

Seq.59: O Ringue

(quarto de motel - int. - noite - cor - som direto)

Deitados numa cama de motel, Kika e Isaac se olham os dois estão sem roupa. Lentamente Kika sobe o ventre de Isaac e começa a se movimentar. No início devagar, e depois aceleradamente. Isaac se contorce de prazer. Kika coloca a mão na sua bolsa e retira a escova de cabelo. A câmera agora enquadra o rosto de Isaac, que parou de se movimentar e tem o olhar direto na câmera. Seu rosto começa a ficar vermelho, e ele faz muita força. De repente ele solta um longo suspiro e volta se movimentar. Kika está com a escova entre as pernas de Isaac. Agora ela baixa-se e beija Isaac na boca, profundamente, que retribui o carinho.

Seq.60: O Reencontro

(Sala do hotel - int. - noite - cor - som direto)

Dunga agora está só com o padre na sala. A TV continua ligada, mas ninguém mais assiste. De repente entra Wellington. Ele está completamente atordoado. Treme muito. Dunga, surpreso corre em seu socorro. Puxa Wellington pela mão e o faz sentar no sofá.

Dunga (com preocupação): Wellington, meu filho! O que foi que aconteceu.

Wellington (meio demente): Kika... ela me pegou com Dayse... Foi um circo... (Dunga vai falar, mas é interrompido por Wellington) Kika comeu a orelha de Dayse. Ela avisou a Kika do encontro, pra separar, entendeu?...

Dunga (colocando a mão na boca): Puta que me pariu! A orelha. E Dayse? Tá onde?

Wellington : Deixei ela num pronto-socorro. (olhando prá Dunga) Kika, Dunga... Ela desapareceu... Eu tô puto com a Dayse, Dunga. Me separar da Kika? A bichinha, Dunga. Fui em casa, e nada de Kika...

Dunga (com convicção): Calma, filho. Venha aqui (levantando e puxando Wellington pela mão) Vou deixar você lá no meu quartinho, viu. Descansa. Eu vou preparar um copo de água com açúcar...

Quando Wellington levanta percebe o caixão no meio da sala, e recua assustado.

Wellington: O que é isso?

Dunga (com desprezo): Isso? Ah! Seu Bianor, que sem mais nem menos inventou de morrer.

Wellington, lentamente se aproxima do defunto.

Wellington: Vai te foder, Dunga! Não durmo com um morto por perto nem com a porra.

Dunga: Calma, menino. Morto não morde nem mata.

Wellington: Uma porra, Dunga!

Wellington vai se dirigindo para a porta, e Dunga tenta impedir que ele parta, mas é empurrado, caindo no chão.

Wellington (dando uma dedada para Dunga): Tá aqui que eu fico.

Dunga, que está no chão, começa a gritar quando percebe que Wellington está partindo.

Dunga: Vai, seu bunda mole! medroso. Merda! Seu medroso. (Dunga se levanta e vai até o caixão e começa a falar com o defunto) Tá vendo, seu Bianor? Tu não tinha dia melhor para morrer não? Tinha não? (para um instante e olha para cima e grita a plenos pulmões) Ora merda!

Neste instante Padre, que estava dormindo, acorda sobressaltado. Olha para Dunga, dá uma pequena risada e cai outra vez no mais profundo sono.

Seq.61: A Cidade não Dorme

(cidade - ext. - amanhecer - cor - som direto)

Aqui temos vários quadros da cidade. Os gritos de Dunga ecoam neles. A câmera passeia lentamente. As ruas estão parcialmente desertas, mas sempre há um mendigo, um menino de rua, um travesti, um guarda noturno que dão uma vida estranha ao quadro. O dia começa a amanhecer.

Seq.62: Isaac no Motel

(Quarto de Motel - int. - dia - cor - som direto)

Deitado na cama de um hotel barato, Isaac fuma vagorosamente um cigarro. Vez ou outra fecha com muita força os olhos e logo depois relaxa a expressão. A câmera vai lentamente fechando em seu rosto. Em sua cabeça a frase de Kika se repete como num eco.

Off de Kika: Eu era uma mulher morta por dentro.

Seq.63: A Solidão de Dunga

(Quarto/Sala do Texas Hotel - ext. - dia - cor - som direto)

Diante de uma penteadeira Dunga arruma os cabelos, coloca batom, ajeita a roupa... Pega uma vassoura e um balde. Varre a sala em volta do caixão de Seu Bianor. As lágrimas escorrem de seu rosto. Vez ou outra pára e enxuga os olhos inchados. Começa a repetir muito baixinho:

Dunga (soluçando e baixo): Ai meu Deus! Por que as coisas não acontecem como tem que acontecer? Tá sempre tudo tão errado.

No sofá estão os dois índios, que velam o morto, o Padre, que continua a dormir e o homem tocando seu acordeão (som que ouvimos desde o início da seqüência).

Seq.64: Wellington Chora

(Sala/quarto da Casa de Wellington - int. - dia - cor - som direto)

Câmera passeia sobre o balcão da casa de Kika e Wellington, mostrando detalhes dos eletrodomésticos. O copo do liquidificador quebrado ainda está sobre o balcão. O choro de Dunga se confunde com o de Wellington, que está sentado no sofá. Ele tem os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto escondido entre as mãos. Seu choro é convulsivo, quase infantil. No quarto, o espelho do guarda-roupa reflete a cama vazia do casal, e sobre ela uma bolsa bíblia. No açucareiro sobre a mesa as formigas fazem a festa.

Seq.65: O Novo Dia de Kika

(cidade - ext. - dia - cor - som direto)

Ainda ouvindo os gemidos de Wellington, mas acompanhamos Kika andando pelas ruas. Seus olhos demonstram sono, mas ela tem um sorriso calmo no rosto. Sua cabeça ostenta um coque desarranjado. Seu andar determinado lhe empresta um certo ar de louca. Passa em frente a um cabeleireiro que varre a calçada (um desses salões cheios de promoções). Agora já ela está sentada numa cadeira de um cabeleireiro. Podemos ouvir a sua respiração.

Cabeleireiro (segurando os cabelos de Kika): O que vai ser?

Kika (sorrindo): Corta esse negócio e depois pinta.

Cabeleireiro (soltando os cabelos de Kika): Cortar muito ou só aparar?

Kika (decidida): Arranca quase tudo e depois pinta.

Cabeleireiro (mexendo com certo desembaraço os cabelos dela): Mas vai pintar de que cor?

Kika (com mais determinação): Uma coisa meio amarela.

Cabeleireiro (encarando ela no espelho): Uma coisa meio barro? Laranja?

Kika (sorrindo para ele pelo espelho): Não. Uma coisa mais manga. Amarelo Manga!

Seq.66: Reabrindo o Avenida

(Quarto/Fachada do Bar Avenida - ext. - dia - cor - som direto)

Detalhe de um pincel passando uma tintura amarelecida nos cabelos. A câmera vai acompanhando em detalhes. Quando o plano, num desses detalhes abre, podemos ver Lígia.

A pesada porta de ferro do bar Avenida está sendo levantada, e atrás dela aparece Lígia. Ela fica encarando a câmera, que vai fechando lentamente. Encarando a câmera ela fala:

Lígia: As vezes fico imaginando de que forma as coisas acontecem. Primeiro vem um dia, e tudo acontece naquele dia até chegar a noite, que é a melhor parte. Mas logo depois vem o dia outra vez... e vai, vai, vai... é sem parar.

Seq.67: A Vida Segue

(cidade - ext. - dia - cor - som direto)

Seqüência do cotidiano da cidade. Uma música vai marcando essa passagem. Personagens do imaginário urbano do Recife vão aparecendo nesse momento. A música se mistura com passagens de Tempo Amarelo, de Renato Campos. Sobre essas imagens vão os créditos finais.